



**USO DE MÉTODOS QUALITATIVOS NA VALIDAÇÃO DE INSTRUMENTOS
DE PERSONALIDADE: CENÁRIO ATUAL E CONSTRUÇÃO DE UMA ESCALA
NO MODELO CGF**

**Ana Cláudia Araújo da Cruz
Dissertação de Mestrado**

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia**

**Porto Alegre / RS
Abril, 2021**

**USO DE MÉTODOS QUALITATIVOS NA VALIDAÇÃO DE INSTRUMENTOS
DE PERSONALIDADE: CENÁRIO ATUAL E CONSTRUÇÃO DE UMA ESCALA
NO MODELO CGF**

Ana Cláudia Araújo da Cruz

**Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de mestre em
Psicologia sob a orientação do professor Dr. Cláudio Simon Hutz e a coorientação do
Professor Dr. Carlos Henrique Sancineto da Silva Nunes**

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia**

Porto Alegre / RS

Abril, 2021

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS E TABELAS	5
RESUMO	6
ABSTRACT	7
CAPÍTULO I.....	8
INTRODUÇÃO.....	8
A Hipótese Lexical e as Teorias Fatoriais da Personalidade	9
Os Cinco Grandes Fatores	10
Modelo proposto por Costa e McCrae (1992)	11
Neuroticismo (<i>Neuroticism / Emotional Stability</i>).....	12
Extroversão (<i>Extraversion</i>)	13
Realização / Conscienciosidade (<i>Conscientiousness</i>)	15
Abertura (<i>Openness</i>)	16
Socialização / Amabilidade (<i>Agreeableness</i>).....	18
Modelo CGF e o contexto brasileiro.....	20
CAPÍTULO II.....	23
ANÁLISE QUALITATIVA NA ELABORAÇÃO DE INSTRUMENTOS FUNDAMENTADOS NO MODELO CGF: REVISÃO SISTEMÁTICA.....	23
RESUMO	24
ABSTRACT	25
INTRODUÇÃO.....	26
MÉTODO	29
Fontes de informação e estratégia de busca.....	29
Critérios de elegibilidade	29
Seleção dos estudos e extração dos dados	29
Análise de qualidade	30
RESULTADOS E DISCUSSÃO	31
Considerações sobre o processo de construção de medidas	32
Considerações sobre o processo de adaptação de medidas.....	34

CONCLUSÃO.....	39
CAPÍTULO III	41
CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO INICIAL DE UM INSTRUMENTO PARA MENSURAÇÃO DA PERSONALIDADE NO MODELO CGF.....	41
RESUMO	42
ABSTRACT	43
INTRODUÇÃO.....	44
Grupo Focal	46
Entrevista Cognitiva	47
Objetivo	48
MÉTODO	49
Construção dos itens.....	49
Análise de juízes.....	49
Análise semântica.....	50
Participantes	52
RESULTADOS	54
Construção dos itens.....	54
Análise de juízes.....	55
Análise semântica.....	56
DISCUSSÃO.....	65
CAPÍTULO IV	68
CONCLUSÃO.....	68
CONSIDERAÇÕES ÉTICAS	71
REFERÊNCIAS	72
ANEXO A	81
Referências de Estudos da Amostra.....	81
ANEXO B	83
Carta Enviada aos Juízes.....	83
ANEXO C	84

Instruções para Análise de Conteúdo.....	84
ANEXO D	87
Formulário para Avaliação dos Itens.	87
ANEXO E.....	88
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	88
ANEXO F.....	89
Questionário Sociodemográfico	89
ANEXO G	90
Parecer do comitê de ética	90

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

Figura 1 - Diagrama de Fluxo de Amostra.....	30
Tabela 1 - Dados da Amostra.....	53
Tabela 2 - Controle de Itens Excluídos em Cada Etapa da Análise.....	54
Tabela 3 - Exemplos de Itens Excluídos pela Análise de Juízes.....	55
Tabela 4A - Exemplos de Itens Excluídos pela Análise Semântica – Fator Extroversão.....	57
Tabela 4B - Exemplos de Itens Excluídos pela Análise Semântica – Fator Realização.....	58
Tabela 4C - Exemplos de Itens Excluídos pela Análise Semântica – Fator Abertura.....	59
Tabela 4D - Exemplos de Itens Excluídos pela Análise Semântica – Fator Socialização....	60
Tabela 5A - Exemplos de Itens Alterados pela Análise Semântica – Fator Extroversão.....	61
Tabela 5B - Exemplos de Itens Alterados pela Análise Semântica – Fator Realização.....	61
Tabela 5C - Exemplos de Itens Alterados pela Análise Semântica – Fator Abertura.....	62
Tabela 5D - Exemplos de Itens Alterados pela Análise Semântica – Fator Socialização....	62
Tabela 6 - Exemplos de Itens Que Compõe o Protocolo Final.....	63
Tabela 6 - Exemplos de Itens Que Compõe o Protocolo Final (Continuação).....	64

RESUMO

Este trabalho comporta dois estudos distintos, que compartilham o interesse pelo uso de abordagens qualitativas como método de avaliação de evidências de validade na produção de instrumentos de mensuração na psicologia. O primeiro estudo apresenta uma revisão sistemática de literatura, que buscou investigar o uso desses procedimentos na construção de instrumentos fundamentados no modelo dos Cinco Grandes Fatores de personalidade, produzidos nos últimos cinco anos. Os resultados revelam que etapas qualitativas tidas como fundamentais pela literatura têm sido negligenciadas. O segundo estudo apresenta a construção e a busca de evidência de validade inicial para um novo instrumento de mensuração da personalidade, adequado para população de baixa escolaridade. Foram construídos 547 itens que foram submetidos à análises qualitativas, dando origem a um banco de 356 itens. A descrição do processo de forma pormenorizada fomenta reflexões sobre a relevância das abordagens qualitativas na construção de escalas de autorrelato.

Palavras-chave: Medidas de personalidade; Testes psicológicos; Cinco Grandes Fatores; Construção do teste; Validade do teste.

ABSTRACT

This work comprises two distinct studies that share the interest in using qualitative approaches as a method of evaluating evidence of validity in the production of measurement instruments in psychology. The first study presents a systematic literature review, which sought to investigate the use of these procedures in the construction of instruments based on the Five Factor Model, produced in the last five years. The results reveal that qualitative steps considered fundamental by the literature have been neglected. The second study presents the construction and search for evidence of initial validity for a new personality measurement instrument suitable for low education populations. 547 items were built and submitted to qualitative analysis, giving rise to a databank of 356 items. The detailed description of the process encourages reflections on the relevance of qualitative approaches in the construction of self-report scales.

Keywords: Personality measures; Psychological testing; Five Factor Model; Test Construction; Test Validity.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Possivelmente, as primeiras descrições explícitas registradas sobre a personalidade se encontram em textos escritos na Grécia Antiga. Um exemplo deste material é uma série de enquetes do filósofo grego Teofrasto, datada do século IV a.C, que descreve personagens com tipos clássicos como o ‘bajulador’ e o ‘grosseiro, atualmente ainda encontrados em nossa sociedade (Gleitman, Reisberg, & Gross, 2003). Na psicologia, a dificuldade de classificar diferentes tipos de personalidade, isolando outras habilidades mentais como a inteligência, é considerada um dos problemas mais antigos (Thurstone, 1934). Em 1929, McDougall já expressava sua apreensão pelo progresso no entendimento deste construto, pontuando que acreditava ser fundamental a existência de um consenso sobre as classes de fatores que compõe a personalidade e sobre a terminologia usada para descrevê-la. Após analisar diversas tentativas de definição da personalidade, o autor concluiu que nenhuma abordagem apresentada até aquele momento era capaz de contemplar a complexidade pertinente ao construto (McDougall, 1929). Atualmente a compreensão de como a personalidade se constitui e de como suas partes interagem de forma singular em cada indivíduo ainda é considerada uma tarefa audaciosa, fazendo com que nenhuma teoria ou modelo existente seja suficiente para desvendá-la completamente (Gleitman, Reisberg & Gross, 2003).

Além da dificuldade de conceptualização referente ao próprio construto, o uso da palavra personalidade de diferentes formas dificulta uma concepção clara de seu conceito. Allport (1937) alertou para os riscos do uso desta palavra de forma indiscriminada, referindo que a elasticidade pertinente a este termo faz com que ele seja usado em diversos contextos, nem sempre apropriados, raramente sendo questionado. No último século o crescente interesse pelo tema propiciou o surgimento de uma área de investigação particular, com direito a periódicos exclusivos para publicação do conhecimento produzido, evidenciando a coexistência de diversas teorias que tentam explicar a formação, organização e estabilidade das características individuais das pessoas (Nunes, Zanon & Hutz, 2018). Embora grande parte das teorias da personalidade compartilhem da ideia de que as pessoas apresentam diferenças no que diz respeito a seus pensamentos, sentimentos e suas ações, e que essas características se apresentam em cada indivíduo como um padrão relativamente estável (Gleitman, Reisberg & Gross, 2003), é possível encontrar discrepâncias importantes sobre o entendimento deste construto. Endler e Magnusson (1976) buscaram organizar as diferentes abordagens sobre a personalidade a partir de quatro grandes modelos, apresentando suas

peculiaridades e suas semelhanças, a saber: a) o modelo psicodinâmico, que entende a personalidade através da dinâmica de desenvolvimento e da contínua interação entre os elementos Id, Ego e Superego; b) o modelo situacional, que assume que a principal força a fundamentar o comportamento dos indivíduos são as situações, colocando as diferenças individuais em segundo plano e sendo compreendido em termos de estímulo-resposta; c) o modelo interacionista que propõe uma influência mútua entre indivíduo e situação, assumindo que o comportamento é o resultado desta interação; e d) o modelo do traço, origem dos conceitos considerados neste estudo, que assume os traços de personalidade como principais determinantes para o comportamento, embora as situações possam ter impacto sobre o funcionamento do indivíduo, gerando comportamentos particulares para cada contexto (Endler & Magnusson, 1976).

A Hipótese Lexical e as Teorias Fatoriais da Personalidade

O entendimento de que as palavras podem ser uma valiosa fonte de informação para criação de uma taxonomia para personalidade, não é um assunto recente. Há mais de 130 anos, Galton (1884) usou um dicionário como fonte de informações para estimar a existência de aproximadamente mil palavras da língua inglesa que poderiam ser usadas para definir os traços mais perceptíveis de uma pessoa. Segundo o autor, ainda que compartilhe características com outras, cada palavra apresenta um significado único, uma “diferente tonalidade” (p. 181), que pode servir de premissa para elaboração de testes de personalidade que buscam mensurar as características de cada indivíduo e como elas se manifestam e interagem. Conhecida como hipótese lexical, a compreensão de que as palavras podem contribuir com a criação de uma taxonomia para personalidade é sustentada por duas premissas: 1) se um traço de personalidade for de fato relevante, as pessoas irão nomeá-lo; e 2) termos relevantes usados na comunicação serão passados de geração em geração, absorvendo as diferenças de cada época e cultura, enquanto termos irrelevantes deixarão de ser usados e desaparecerão (Goldberg, 1982).

Embasados no trabalho de Galton (1884), Allport e Odbert (1936) utilizaram um dicionário com cerca de 550.000 palavras, para chegar a 4.504 termos, que consideraram como principais descritores da personalidade. Ao submeter esta lista a análises fatoriais, Cattell (1946) chegou a uma solução de 16 fatores que, embora tenha sido um marco para o estudo da personalidade, foi um modelo bastante criticado pelos pesquisadores da época. Diversos autores passaram a buscar novas soluções, uma vez que entendiam que 16 fatores tornava o modelo muito complexo (Nunes, Zanon & Hutz, 2018). Os estudos que passaram a ser desenvolvidos deram origem a diferentes modelos que fazem parte do que hoje é

conhecido hoje como teorias fatoriais da personalidade (John, Angleitner, & Ostendorf, 1988). Dentro destes modelos, destacam-se o modelo de três fatores de Eysenck (1952), o modelo de cinco fatores (Fiske, 1949; Costa & McCrae, 1992; Norman, 1963; Tupes & Christal, 1992) e o modelo de seis fatores (Lee & Ashton, 2004). Atualmente, muitos pesquisadores continuam empenhados em encontrar um paradigma irrefutável para a explicação da personalidade, embora pareça haver um certo consenso de que o modelo composto por cinco fatores é o modelo mais expressivo e seguro para investigação deste construto (Costa et al., 2008), sendo considerado por muitos pesquisadores o modelo mais promissor (Lima & Simões, 2000).

Os Cinco Grandes Fatores

A primeira menção a um modelo composto por cinco fatores, foi o que Digman (1990) chamou de “uma antecipação estranha dos resultados de meio século de trabalho para organizar a linguagem da personalidade em uma estrutura coerente”. McDougall (1929) sugeriu que uma análise da linguagem natural poderia ser usada para compreensão da personalidade e propôs que isso poderia ser feito considerando-se cinco fatores independentes: Intelecto, Disposição, Índole, Temperamento e Caráter. Apresentado em McDougall (1929) e retomado em McDougall (1932), este modelo de personalidade foi proposto com a intenção de evitar confusões e divisões ao se falar da personalidade. Embora a proposta de McDougall tenha se aproximado muito do resultado que análises fatoriais mais complexas iriam acabar revelando, a representação dos cinco fatores na forma atual deve-se ao trabalho desenvolvido por Tupes e Christal em 1961, e publicado como um relatório técnico para a Base da Força Aérea do Condado de Brooks, no Texas (Tupes & Christal, 1992). O reconhecimento destes fatores como dimensões fundamentais da personalidade, entretanto, só ocorreu vinte anos depois, na década de 80 (McCrae & John, 1992).

Chamados comumente de fatores, as dimensões da personalidade são conjuntos de diferentes tendências cognitivas, afetivas e comportamentais, que permitem agrupamentos distintos (Costa & McCrae, 1995). O termo faceta é usado para designar traços de nível inferior que correspondem a estes agrupamentos e que estão presentes em todos os indivíduos, se diferenciando apenas pelo grau de intensidade (McCrae & Costa, 2008). O *Five Factor Model*, conhecido no Brasil como modelo dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade (CGF) (Nunes, Zanon, & Hutz, 2018), é formado pelos domínios amplos: *Neuroticism* (Neuroticismo), *Extraversion* (Extroversão), *Conscientiousness* (Realização / Conscienciosidade), *Openness* (Abertura) e *Agreeableness* (Socialização / Amabilidade). O número de facetas que compõe cada um dos fatores, entretanto, ainda é um assunto

controverso, coexistindo modelos que apresentam diferentes estruturas (Costa e McCrae, 1992; DeYoung, Quilty, & Peterson, 2007; Hofstee, De Raad, & Goldberg, 1992; Nunes, Hutz, & Nunes, 2010; Saucier & Ostendorf, 1999).

Embora a consideração de facetas no modelo permita compreender melhor como cada fator é constituído, muitos pesquisadores ainda optam por considerar apenas os fatores gerais (Nichols & Pace, 2020). Uma das possíveis razões para esta escolha é que ainda não existem evidências que permitam afirmar como é composto o melhor modelo fatorial do CGF no que tangem suas facetas (McCrae, 2013). Apesar da falta de consenso sobre o modelo hierárquico mais apropriado, a necessidade de se avaliar a personalidade ao nível das facetas é cada vez mais reconhecida (Woods & Anderson, 2016), considerando que esta avaliação aumenta a acurácia dos resultados e prediz comportamentos de forma mais precisa (Paunonen & Ashton, 2001; Samuel & Widiger, 2008; Ziegler & Bäckström, 2016). Soto e John (2019) afirmam ainda que a avaliação a nível de fator é capaz de resumir um grande conjunto de comportamentos, mas apenas a avaliação a nível de faceta possibilita um resultado mais fidedigno e apurado, capazes de predizer melhor os aspectos idiossincráticos de cada indivíduo.

Modelo proposto por Costa e McCrae (1992)

O modelo de personalidade composto por cinco fatores tem sido o mais estudado nos últimos quarenta anos (Xie & Cobb, 2020). Em 1992, Costa e McCrae propuseram um modelo composto por 30 facetas, 6 para cada um dos cinco fatores, que despertou grande interesse dos pesquisadores, se tornando o modelo mais pesquisado até o momento (Nichols & Pace, 2020). Este modelo foi replicado em mais de 50 países, incluindo nações orientais e ocidentais (Xie & Cobb, 2020), o que evidencia que suas dimensões têm um alto nível de consistência transcultural. O desenvolvimento deste modelo não ocorreu guiado por uma única base teórica no que tange os domínios específicos, e os autores não apresentam justificativa para o número de facetas presentes. Costa e McCrae chegaram a afirmar que “não há nada de mágico no número seis” (Costa & McCrae, 1995, p. 26). Assim, a motivação para estrutura final do modelo parece ter sido guiada por observações empíricas em detrimento de questões conceituais. O instrumento NEO-PI (Costa & McCrae, 1992) proposto pelos autores para mensuração da personalidade neste o modelo já foi adaptado e validado em diversos contextos culturais (Allik et al., 2017; McCrae & Costa, 1997; Goldberg, 1990), tendo sido citado aproximadamente 24.000 vezes desde sua publicação (Kean, 2020) e possibilitando um considerável avanço na psicologia da personalidade (Xie & Cobb, 2020). Abaixo, encontra-se o modelo dos autores detalhado.

Neuroticismo (*Neuroticism / Emotional Stability*)

Esta dimensão é definida pela instabilidade emocional e faz parte da maioria dos modelos fatoriais. Considera as diferenças individuais de inclinação para perceber a realidade como ameaçadora e problemática, considerando preocupações e opiniões negativas de si mesmo, e a tendência de sentir emoções negativas como tristeza, vergonha, culpa e raiva (Rolland, 2002). Pessoas com um nível alto deste traço apresentam maior suscetibilidade a mudanças de humor (Zhang, 2020) e tendem a apresentar pouca habilidade para controle de impulsos e manejo do estresse (Costa & McCrae, 1992). Também apresentam um estilo de atribuição pessimista ao explicar os eventos da vida e dificuldades para postergar a gratificação (Zhang, 2020). Indivíduos com baixos níveis deste traço geralmente agem com calma e mostram-se equilibrados e emocionalmente estáveis e, mesmo diante de situações de estresse, tendem a relatar menores níveis de emoção negativa (Costa & McCrae, 1992).

Formado pelas facetas:

1. **Ansiedade (*Anxiety*)** - Relacionada à sensação de apreensão, medo, tensão e extrema preocupação. Pessoas com esta faceta acentuada relatam anseios relacionados ao presente e ao futuro, convivendo com nervosismo constante. São mais apreensivos, medrosos, nervosos, tensos, propensos a preocupação e agitados. Podem apresentar condutas fóbicas e medos específicos, assim como ansiedade flutuante. Pessoas com baixos níveis desta faceta são calmos e relaxados, não remoem coisas que poderiam dar errado, não antecipam catástrofes e, por tanto, são menos prováveis de apresentar estados emocionais negativos (Costa & McCrae, 1992).
2. **Raiva/Hostilidade (*Angry Hostility*)** - Tendência a vivenciar raiva e estados relacionados, como a frustração e a amargura. Essa escala mede a prontidão do indivíduo para experimentar estados de raiva, e não necessariamente a expressão dela (que depende do nível de socialização). Entretanto, pessoas com atitudes mais hostis frequentemente tem escores altos nessa escala. Escores baixos são pessoas fáceis de lidar, que apresentam baixa reatividade a raiva (Costa & McCrae, 1992).
3. **Depressão (*Depression*)** - Referente às diferenças individuais na tendência a experimentar afetos negativos como tristeza, desesperança, culpa e solidão. Esta faceta considera as diferenças presentes entre indivíduos que não apresentam qualquer patologia, considerando que este modelo de personalidade parte do pressuposto de que os indivíduos apresentam diferenças dentro de um *continuum*

considerado típico (normal). Embora, existam instrumentos construídos especificamente para mensuração da personalidade patológica, a partir do mesmo modelo (Costa & McCrae, 1992)

4. Embaraço/Constrangimento (*Self-Consciousness*) - Relacionado a emoções como vergonha e embaraço. Indivíduos com esta faceta acentuada ficam constrangidos facilmente, ficam desconfortáveis frente à outras pessoas, são sensíveis ao ridículo e tendem a se sentir inferiores. Sentem medos de serem mal interpretados e costumam relatar sentimento de inadequação. Essa faceta aproxima-se da timidez. Pessoas com traços menos intensos não necessariamente são seguros ou tem boas habilidades sociais; eles simplesmente se sentem mais confortáveis e ficam menos incomodados em situações de socialização (Costa & McCrae, 1992).
5. Impulsividade (*Impulsiveness*) - Relacionado à falta de habilidade para controle de anseios e impulsos. Não se trata de espontaneidade ou rapidez na tomada de decisão. Indivíduos que apresentam essa faceta mais acentuada entendem que seus desejos são tão fortes que não há como resistir, mesmo que isso possa gerar arrependimentos. Pessoas com baixos níveis desta faceta tem maior facilidade de resistir aos desejos e apresentam uma alta tolerância a frustração (Costa & McCrae, 1992).
6. Vulnerabilidade (*Vulnerability*) - Refere-se à vulnerabilidade ao estresse. Indivíduos com esse traço acentuado apresentam dificuldades em lidar com situações de estresse, tornando-se dependente ou entrando em pânico frente a uma emergência (Costa & McCrae, 1992).

Extroversão (*Extraversion*)

Este domínio reflete a quantidade e intensidade das relações que o indivíduo apresenta com o ambiente (sobretudo o ambiente social). Trata-se de uma tendência a buscar contatos sociais com energia, ânimo, entusiasmo e confiança e viver estas experiências de forma positiva (Rolland, 2002). É composta por componentes interpessoais que representam os comportamentos típicos dos extrovertidos, incluindo alta sociabilidade e assertividade; e componentes temperamentais que incluem o aumento do nível de atividade e o afeto positivo (Walker, 2020). Pessoas com nível alto de extroversão são mais sociáveis, assertivas, buscam mais excitação e estimulação social (Costa & McCrae, 1992), e são tipicamente mais falantes, expansivas e energizadas. De maneira oposta, pessoas menos extrovertidas, os chamados introvertidos, são pessoas reservadas e quietas (Walker, 2020).

Formado pelas facetas:

- 1 Acolhimento (*Warmth*) - Está faceta está relacionada ao grau de afeto e a amizade que a pessoa apresenta. Pessoas com essa faceta acentuada demonstram mais afeição e se mostram mais amigáveis, gostando verdadeiramente de manter contatos pessoais e formando vínculos facilmente. Apreciam, sobretudo, a troca afetiva e mantêm amigos com facilidade. Indivíduos com nível baixo desta faceta são mais formais, reservados e socialmente distantes (Costa & McCrae, 1992).
- 2 Gregarismo (*Gregariousness*) - Caracteriza a preferência pela companhia das outras pessoas e pela necessidade de alta estimulação social. Pessoas com este traço acentuado desfrutam da companhia dos outros, gostam de estar em grandes grupos e apreciam trocas afetivas em quantidade. Sentem desprazer em ficar ou fazer as coisas desacompanhado ou com poucas pessoas. Indivíduos com nível mais baixo tendem a ser pessoas que não procuram ou evitam a estimulação social, optando por tarefas que possam realizar sozinhos (Costa & McCrae, 1992).
- 3 Assertividade (*Assertiveness*) - Esta faceta está relacionada à dominância, liderança e independência. Pessoas altas nessa faceta são dominantes, vigorosos e ascendentes socialmente, falam sem excitação e frequentemente se tornam líderes de grupos, demonstrando maior independência em suas ações. Pessoas com esse traço mais ameno preferem se manter em segundo plano e deixar os outros aparecerem e falarem. Demonstram menor confiança e pouca segurança em seu discurso (Costa & McCrae, 1992).
- 4 Atividade (*Activity*) - Representa agilidade, energia, vigor e necessidade de movimento. Pessoas com altos escores são pessoas agitadas, ágeis e dinâmicas, com a necessidade de se manterem ocupadas. Buscam ativamente por atividades que demandem energia, evitando situações em que não haja atividades ou movimento. Pessoas com essa faceta mais branda são mais vagarosas e calmas, apesar de não serem necessariamente pessoas lerdas ou preguiçosas (Costa & McCrae, 1992).
- 5 Busca de Sensações (*Excitement-Seeking*) - Caracteriza busca de excitação e estimulação. Pessoas com esse traço mais intenso gostam de cores brilhantes e ambientes barulhentos. Apreciam sensações intensas e necessitam de estímulos mais acentuados. Pessoas com menores níveis nessa faceta sentem pouca necessidade, ou mesmo evitam, emoções/excitações fortes (Costa e McCrae, 1992).

- 6 Emoções Positivas (*Positive Emotions*) - Tendência a experienciar emoções positivas como alegria, gratidão, amor, esperança e animação. Pessoas com esse domínio mais intenso riem com facilidade e frequentemente são alegres e otimistas. Apresentam uma visão positiva da vida. Pessoas com esse traço menos intenso são menos animados e menos bem humoradas (Costa & McCrae, 1992).

Realização / Conscienciosidade (*Conscientiousness*)

A Conscienciosidade, também chamada de Realização compreende elementos funcionais da personalidade como antecipação, orientação para o sucesso, orientação para a tarefa e implicação; e elementos de controle e inibição de comportamentos, como organização, perseverança, rigor e respeito às normas e procedimentos (Rolland, 2002). Pessoas com altos níveis nesse fator são descritos como indivíduos disciplinados, confiáveis, cuidadosos, aplicados, organizados, trabalhadores, eficientes, planejadores e socialmente responsáveis. Baixos níveis nesse fator revelam indivíduos que tendem a ser mais impulsivos, espontâneos, despreocupados, irresponsáveis, desorganizados, preguiçosos, imprudentes e indiferentes (Kern, 2020).

Formado pelas facetas:

1. Competência (*Competence*) - Refere-se à percepção que o indivíduo tem sobre si mesmo em relação a sua capacidade, prudência e efetividade. Pessoas com esta faceta acentuada referem perceber-se como capazes de lidar com os desafios da vida e como prudentes na tomada de decisão. São pessoas confiantes em suas habilidades de resolução de problemas. Pessoas com esse traço menos intenso apresentam uma opinião desfavorável sobre suas habilidades e assumem que muitas vezes estão despreparadas para lidar com as situações (Costa & McCrae, 1992).
2. Ordem (*Order*) - Esta faceta revela o grau de organização, planejamento, preparação e metodismo com que o indivíduo conduz atividades. Pessoas com essa faceta acentuada apresentam um alto grau de organização, revelado na forma como ordenam seus pertences, no planejamento prévio de cada ação e no metodismo para realização de tarefas. Costumam atuar de forma sistemática, com regras rígidas e disciplina. Podem apresentar também uma maior atenção à limpeza (Costa & McCrae, 1992).
3. Senso de Dever (*Dutifulness*) - Compreende a motivação interna para o cumprimento de obrigações sociais, morais ou éticas. Pessoas que apresentam altos níveis nessa faceta mantêm-se fiéis estritamente aos seus princípios éticos e

escrupulosamente cumprem suas obrigações morais. São altamente empenhados quando se comprometem com uma tarefa, não questionam regras sociais e são menos propensos a quebrar promessas ou perder compromissos, sendo descritos como pessoas confiáveis (Costa & McCrae, 1992).

4. Esforço por Realizações (*Achievement Striving*) - Caracterizada pela tendência a aspirar altos níveis e atitudes para alcançá-los. Pessoas com altos níveis são diligentes e determinadas, costumam empenhar esforços para seu crescimento pessoal (estudo, trabalho), apresentando alto senso de direção para própria vida. Um nível muito alto, contudo, pode acarretar em um investimento exagerado na carreira em detrimento de outras áreas de sua vida (Costa & McCrae, 1992).
5. Autodisciplina (*Self-Discipline*) - Esta faceta refere-se à habilidade em começar tarefas e conduzi-las até o fim, independentemente de tédio ou outras distrações. Pessoas com altos níveis tem a habilidade de motivarem a si mesmos para terminar um trabalho, e não costumam perder o foco com distrações. Não são facilmente desencorajados quando definem um objetivo, ignorando a possibilidade de desistir. Sua motivação não diminui com a presença de contratemplos ou novos desafios, o que faz com que estes indivíduos possam trabalhar longas horas ou mesmo a assumir um trabalho extra (Costa & McCrae, 1992).
6. Ponderação (*Deliberation*) - Apresentam-se como uma tendência a pensar e deliberar cuidadosamente antes de agir. Pessoas com esta faceta acentuada são cuidadosos e ponderados, refletem cuidadosamente sobre as consequências de seus atos, podendo apresentar dificuldade de tomar decisões rápidas. Frente a uma situação inesperada, agem com extrema cautela. Pessoas com baixos níveis são apressados e frequentemente falam ou agem sem considerar quais serão os resultados de suas escolhas (Costa & McCrae, 1992).

Abertura (*Openness*)

Trata-se de uma dimensão independente de aptidões cognitivas que considera comportamentos de busca ativa e amor por novas experiências. Se manifesta em uma ampla gama de interesses, no desejo de buscar e viver experiências novas e incomuns, (Rolland, 2002) na imaginação ativa, sensibilidade estética, atenção aos próprios sentimentos e curiosidade (Costa & McCrae, 1992). Embora já tenha sido rotulada de intelecto (Costa et al., 2008), tem apenas uma correlação modesta com inteligência. A intensidade nessa faceta revela indivíduos curiosos, com uma imaginação rica e que

experimentam uma gama mais ampla de emoções e buscam ativamente experiências diversas e variadas. Pessoas que apresentam baixos níveis nessa faceta são convencionais, mais rígidos cognitivamente, satisfeitos com a rotina e sem interesse por novidades (McCrae & Sutin, 2009).

Formado pelas facetas:

1. Fantasia (*Fantasy*) - Relacionada a uma imaginação vívida e uma vida fantasiosa ativa. Indivíduos altos nessa faceta devaneiam como uma maneira de criar um mundo interno interessante. Eles elaboram e desenvolvem suas fantasias e acreditam que a imaginação contribui para uma vida rica e criativa. Possuem um pensamento com altos graus de imaginação. Facilmente criam 'realidades alternativas', relatando uma lógica que nem sempre é realista. Indivíduos com níveis baixos são mais práticos e objetivos e preferem manter suas mentes em tarefas concretas (Costa & McCrae, 1992).
2. Estética (*Aesthetics*) – Considera a apreciação profunda pelas diversas formas da arte e da beleza. Indivíduos altos apresentam uma maior sensibilidade emocional e atenção a estímulos visuais e estímulos auditivos, sem necessariamente possuírem talentos artísticos ou serem tidas como pessoas de bom gosto. Pessoas com baixos níveis nessa faceta são relativamente insensíveis e desinteressadas pela arte e beleza (Costa & McCrae, 1992).
3. Sentimentos (*Feelings*) – Dimensão relativa à receptividade dos próprios sentimentos e emoções. Pessoas que apresentam traços intensos experenciam estados emocionais mais profundos e diferenciados, assim como sentem felicidade e infelicidade mais intensamente que outras pessoas. Observam com maior atenção os próprios sentimentos e valorizam mais as emoções. Indivíduos baixos nessa faceta são mais embotados emocionalmente e acreditam que as emoções não mereçam tanta importância (Costa & McCrae, 1992).
4. Ações Variadas (*Actions*) - Disposição para atividades diferentes, conhecimento de novos lugares ou situações. Indivíduos com altos níveis evitam, sempre que podem, a rotina. Preferem novidade e variedade em detrimento da familiaridade, demonstrando maior disposição para experiências novas. A rotina lhes causa desprazer e os fazem buscar ativamente por novas experiências. Pessoas com baixos níveis nessa dimensão preferem a segurança do que já é conhecido (Costa & McCrae, 1992).
5. Ideias (*Ideas*) - Domínio relacionado a curiosidade intelectual. Esse traço é relativo à busca ativa por interesses intelectuais, a abertura mental e disposição a

considerar ideias novas. Pessoas com altos níveis apreciam tanto argumentos filosóficos quanto desafios mentais, gostam de pensamentos não convencionais e buscam ativamente por mais conhecimento. Entretanto, isso não implica necessariamente em alta inteligência. Indivíduos com esse traço menos intenso tem curiosidade limitada e, se altamente inteligentes, focam seus recursos cognitivos em temáticas restritas (Costa & McCrae, 1992).

6. Valores (*Values*) - Considera a prontidão para reexaminar valores sociais, familiares, políticos e/ou religiosos. Indivíduos com essa faceta acentuada aceitam facilmente valores diferentes dos seus. Aceitam ser questionados sobre suas crenças ou sua visão política. Em contrapartida, indivíduos com níveis menores deste traço, são mais fechados e tendem a aceitar a autoridade e honrar tradições. Abertura a valores pode ser considerada o oposto do dogmatismo (Costa & McCrae, 1992).

Socialização / Amabilidade (*Agreeableness*)

A Amabilidade, também chamada de Socialização, é o fator da personalidade responsável pelas diferenças individuais na motivação para manter relacionamentos interpessoais positivos (Graziano & Eisenberg, 1997). Este domínio compreende a qualidade das relações em um espectro que varia da antipatia a compaixão (Rolland, 2002), e seu polo positivo é expresso em comportamentos que revelam generosidade, confiança, bondade e empatia (Tobin & Graziano, 2020). Indivíduos altos neste fator tendem a sensibilizar-se com situações vividas pelos outros e colocar-se no lugar deles, sendo geralmente consideradas pessoas simpáticas, atenciosas e afetuosas que acreditam que os outros também irão agir da mesma forma que elas agiriam. Pessoas com baixos níveis no fator são críticas e céticas, facilmente expressam hostilidade e mostram comportamento presunçoso com os outros (Graziano & Tobin, 2017).

Formado pelas facetas:

1. Confiança (*Trust*) - Disposição a acreditar que os outros são honestos e bem-intencionados. Pessoas com esta faceta acentuada apresentam dificuldade em perceber maldade nos outros e em identificar a desonestidade. Por isso, tendem a dividir informações íntimas com facilidade e a tomar decisões baseadas na crença de que os outros estão certos. Mesmo quando prejudicadas, frequentemente buscam interpretações que justifiquem a maldade dos outros e facilmente acreditam no arrependimento de quem lhe prejudicou. Pessoas com baixos níveis

desta faceta tendem a ser cínicos e céticos e assumem que os outros podem ser desonestos e perigosos (Costa & McCrae, 1992).

2. **Franqueza (*Straightforwardness*)** - Relacionada à própria sinceridade e à lealdade para com a verdade. Indivíduos com altos níveis valorizam muito a transparência e agem com franqueza e honestidade. Podem apresentar certo grau de ingenuidade em relação às consequências de sua sinceridade, sendo incapazes de manipular ou enganar os outros. Não consideram valer-se de inverdades para tirar proveito e tendem a assumir seus erros. Pessoas que apresentam essa faceta de forma menos intensa estão mais dispostas a manipular e enganar os outros por meio da astúcia e percebem essas táticas como habilidades sociais necessárias (Costa & McCrae, 1992).
3. **Altruísmo (*Altruism*)** - Representa uma preocupação ativa com o bem-estar dos outros. Pessoas com altos níveis de altruísmo demonstram generosidade e disposição para auxiliar aqueles que precisam. Não resistem em se envolver em problemas se entendem que podem ajudar, demonstrando empatia e se doando sem esperar retorno. Baixos níveis revelam indivíduos autocentrados e relutantes em se envolver nos problemas alheios (Costa & McCrae, 1992).
4. **Complacência (*Compliance*)** - Considera as reações aos conflitos interpessoais. Indivíduos que apresentam essa faceta de forma mais intensa tendem a deferir em favor dos outros, a fim de evitar situações disruptivas. São pessoas gentis e amáveis, que preferem cooperar do que competir. A fim de evitar discussão, facilmente perdoam e esquecem se alguém lhes prejudicou, evitando qualquer expressão de raiva. Não se opõe a opiniões divergentes. Pessoas com níveis mais baixos dessa faceta são agressivos, não hesitando em rivalizar e envolver-se em disputas (Costa & McCrae, 1992).
5. **Modéstia (*Modesty*)** - Relacionado a humildade e simplicidade. Pessoas com alto escore nessa escala são humildes e apagados, apesar de não necessariamente lhes faltar autoconfiança e autoestima. Evitam falar sobre suas qualidades ou suas conquistas, e entendem-se como pessoas imperfeitas. Não se deve confundir com falta de autoestima. Níveis menores nessa faceta revelam indivíduos que acreditam que são pessoas superiores e podem ser consideradas presunçosas e arrogantes pelos outros (Costa & McCrae, 1992).
6. **Sensibilidade (*Tender-Mindedness*)** - Caracteriza atitudes de simpatia, compaixão e preocupação pelo lado humano de políticas sociais. Pessoas com esta faceta acentuada agem sempre considerando as necessidades alheias e enfatizando o

lado humano da política. Pessoas com níveis menores dessa faceta considerariam a si mesmos realistas por tomar decisões racionais e baseadas em uma lógica fria (Costa & McCrae, 1992).

Modelo CGF e o contexto brasileiro

Atualmente, existem dois principais instrumentos aprovados pelo SATEPSI (CFP, 2018) para mensuração conjunta dos cinco grandes fatores no contexto brasileiro: a Bateria Fatorial de Personalidade (BFP) (Nunes, Hutz, & Nunes, 2010) e o Revised NEO Personality Inventory (NEO-PI-R) (Costa et al., 2008). Embora tratem-se de dois instrumentos de boa qualidade, ainda existem algumas barreiras para realização de pesquisas e de avaliações da personalidade no contexto clínico considerando o modelo CGF. A primeira barreira diz respeito a acessibilidade destes instrumentos à população de menor escolaridade. A BFP foi validada e normatizada com uma amostra predominantemente composta por pessoas com ensino médio e superior (Nunes, Hutz, & Nunes, 2010), questão que foi pontuada no manual do instrumento (p.61). Ao avaliarem a confiabilidade do instrumento através do coeficiente Alfa de Cronbach, dividindo a amostra por escolaridade, os autores observaram que a precisão apresentada por indivíduos que não haviam concluído o Ensino Fundamental foi mais baixa do que a apresentada por indivíduos que concluíram Ensino Médio e o Ensino Superior. Ao discutirem esses resultados, os autores corroboram com a hipótese de que a linguagem dos itens que compõe o instrumento pode não ser acessível à indivíduos com menor escolaridade (Nunes, Hutz, & Nunes, 2010).

Uma análise mais detalhada do instrumento pode nos dar pistas das dificuldades encontradas por estes indivíduos. Embora estejamos falando de um instrumento com propriedades psicométricas adequadas, é possível encontrar itens como: “*Com frequência, passo por períodos em que fico extremamente irritável, me incomodando com qualquer coisa.*” ou “*Geralmente faço o que os meus amigos e parentes querem, embora não concorde com eles, com medo de que se afastem de mim.*”, que apresentam uma estrutura frasal na qual é preciso articular ideias, exigindo maior fluência de leitura do respondente (Navas, Pinto, & Dellisa, 2009). Além da estrutura de alguns itens, o uso de expressões como ‘*constantemente*’, ‘*impulsivamente*’, ‘*precipitadas*’, ‘*ridicularizado*’, ‘*estímulo*’ ou ‘*discussões filosóficas*’, presentes na BFP e facilmente entendidos pela parcela da população com mais anos de escolaridade, podem se mostrar um obstáculo para aqueles que não possuem o hábito de leitura e/ou que possuem um vocabulário mais limitado.

O problema referente ao vocabulário, no entanto, não é uma questão exclusiva da BFP. O próprio NEO-PI-R, em sua versão original, enfrentou esse problema, fazendo com

que McCrae, Costa e Martin (2005) propusessem a revisão deste instrumento, após constatarem que muitos itens eram de difícil entendimento para uma parcela da população. Uma avaliação mais detalhada da versão brasileira do NEO-PI-R revela as mesmas características encontradas na BFP. Nesta adaptação é possível encontrar itens como: “*Acredito que deixar estudantes ouvirem pessoas com ideias controversas só vai confundí-los e desorientá-los.*”, “*Gosto de me concentrar numa fantasia e explorar todas as suas possibilidades, deixando ela crescer e se desenvolver.*” ou “*Penso que a nova moralidade, que consiste em tudo permitir, não é moralidade nenhuma.*”, que mostram estruturas de difícil compreensão. Também cabe sinalizar o uso de expressões como: “*discussões filosóficas enfadonhas*”, “*intimido ou bajulo*”, “*grande alegria ou êxtase (arrebato)*”, “*melindrosa e temperamental*”, “*deveres cívicos*”, “*sarcástico e irônico (a)*”, “*nem dissimulado (a) nem espertalhão (ona).*”; e palavras como: “*vangloriar*” e “*metódica (ordeira)*” etc. que fazem com que o entendimento desse instrumento exija um vocabulário incomum para boa parte da população.

A segunda barreira é referente a questões específicas de cada um dos instrumentos. No caso da BFP, o instrumento apresenta uma estrutura fatorial composta por 17 facetas que mensuram os cinco grandes fatores. Ainda que não se possa afirmar como é composto o melhor modelo de cinco fatores (McCrae, 2013), o fato de não existir nenhum outro instrumento com o mesmo modelo fatorial dificulta o entendimento dos resultados obtidos, uma vez que não existe mensuração dos traços específicos conforme descrito neste instrumento em outras culturas. Neste sentido, o uso do NEO-PI-R apresenta uma vantagem por apresentar um modelo predominantemente considerado pelos pesquisadores (Möttus, 2017). Entretanto, questões específicas desse instrumento também devem ser consideradas, uma vez que se trata de uma adaptação. McCrae (2013) refere que, embora a estrutura de personalidade seja a mesma em diferentes populações, a expressão dos traços pode ser afetada pelas diferenças culturais. Assim, embora as traduções sejam geralmente bem sucedidas, muitos itens podem não funcionar como o esperado. Isso se dá, em partes, porque a mesma pontuação numérica pode não implicar no mesmo nível da característica mensurada em diferentes culturas. Os autores ressaltam que, mesmo que o sentido do item seja preservado, a intensidade ou dificuldade podem sofrer alterações. Isso pode justificar algumas incongruências encontradas na versão brasileira deste instrumento (Costa et al., 2008) como a faceta Assertividade (pertencente ao fator Extroversão) que apresentou carga fatorial mais alta para o fator Amabilidade (Socialização) (Extroversão.: 0.339 / Amabilidade: 0.479), bem como outras facetas que apresentaram cargas igualmente altas em mais de um fator. Ou o coeficiente Alfa de Cronbach apresentado nas facetas do fator

Abertura: Ações Variadas (0,55) e Valores (0,54); e nas facetas do fator Amabilidade (Socialização): Franqueza (0,58), Complacência (0,59) e Sensibilidade (0,48), considerados apenas moderados (Landis & Koch, 1977).

Borsa e Seize (2017) afirmam que a escolha pela construção de um novo instrumento pode ser pautada por diferentes motivos. Embora, este trabalho não se justifique pela ausência de instrumentos para mensuração do construto, considerou-se como uma justificativa plausível para investir nesse projeto a ausência de instrumentos adequados à população com menores hábitos de leitura e que não apresentam um vocabulário sofisticado. Assim, com intuito de minimizar as barreiras existentes para avaliação da população com menor escolaridade, este trabalho tem como objetivo principal apresentar o processo realizado para a criação de um novo instrumento considerando o modelo proposto por Costa e McCrae (1992). Entende-se que este instrumento favorecerá as pesquisas da personalidade no Brasil, além de beneficiar o contexto clínico, para o qual os testes são auxiliares importantes para tomada de decisão baseadas em normas objetivas (Noronha et al., 2002). Assim, dois estudos distintos foram realizados, ambos tendo como tema central os procedimentos qualitativos dispensados para produção de instrumentos de autorrelato. No primeiro estudo, que se encontra submetido na revista *Avaliação Psicológica*, foi realizada uma revisão sistemática da literatura, conduzida com base em diretrizes do *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA) (Moher et al., 2009), através da qual investigamos os procedimentos qualitativos utilizados para construção ou adaptação de instrumentos de medida da personalidade no modelo CGF nos últimos cinco anos. Enquanto, no segundo estudo descrevemos o processo de construção de um novo instrumento, considerando os procedimentos qualitativos realizados na busca de evidências de validade baseadas no conteúdo.

CAPÍTULO IV

CONCLUSÃO

A personalidade é um dos construtos mais antigos e mais controversos da psicologia. A compreensão de como ela se constitui e de como suas partes interagem de forma singular em cada indivíduo ainda é considerada uma tarefa audaciosa, que faz com que nenhuma teoria ou modelo existente seja suficiente para desvendá-la completamente. Atualmente, o modelo dos Cinco Grandes Fatores da personalidade tem sido considerado o mais promissor. As cinco dimensões que o compõe são conjuntos de diferentes tendências cognitivas, afetivas e comportamentais que permitem agrupamentos distintos de domínios menores, chamados facetas. Entretanto, ainda existem divergências sobre quais e quantas facetas devem compor o modelo, fazendo com que coexistam modelos com diferentes estruturas. Embora não existam evidências que permitam afirmar qual o melhor modelo de cinco fatores, os pesquisadores incentivam a avaliação à nível de faceta, considerando que isso aumenta a acurácia, apresentando resultados mais fidedignos e apurados, capazes de predizer melhor os aspectos idiossincráticos de cada indivíduo. Nesse contexto, Costa e McCrae propuseram uma estrutura composta por 30 facetas, seis para cada um dos cinco domínios, que acabou por se tornar a mais pesquisada, tendo sido replicado em mais de 50 países e revelando um alto nível de consistência transcultural.

Além das divergências que permeiam as pesquisas de personalidade no que diz respeito ao modelo que melhor a explicaria, a própria forma de mensuração do construto ainda é alvo de inúmeras discussões entre os pesquisadores. Atualmente, o autorrelato é o tipo de instrumento mais usado para a mensuração de traços de personalidade, embora várias críticas ainda sejam feitas ao método. Uma das principais críticas direcionadas a este tipo de instrumento se refere a possibilidade de que os itens sejam entendidos de forma diferente pelos respondentes. Ainda que os pesquisadores concordem sobre a necessidade de que a produção de instrumentos com esse fim siga princípios já estabelecidos, não existe consenso sobre as etapas que devem compor o procedimento de construção. A proposta de um modelo de processo de resposta favoreceu estudos da área, dando origem a uma série de estudos reiterando a necessidade de que os itens de autorrelato sejam avaliados através de métodos qualitativos. A complexidade deste processo fez com que alguns autores o defendessem como etapa fundamental que deveria anteceder qualquer outro processo de busca por evidência de validade.

Nesse contexto, este trabalho comporta dois estudos, nos quais buscou-se inicialmente investigar o uso de estratégias qualitativas como método de avaliação de evidências de validade baseada em conteúdo, durante o processo de produção de instrumentos para mensuração da personalidade; e posteriormente, apresentar as etapas qualitativas que compuseram a criação de um novo instrumento. O primeiro estudo utilizou-se da metodologia de revisão sistemática da literatura para identificar os procedimentos qualitativos utilizados pelos pesquisadores para construção e adaptação de instrumentos de auto e heterorrelato no modelo CGF. Os resultados obtidos revelaram um cenário no qual algumas etapas apontadas como fundamentais no processo têm sido negligenciadas. Diferenças no processo de construção e adaptação foram consideradas para análise dos 36 estudos que compuseram essa amostra. Tida como uma etapa de suma importância no processo de construção de um novo instrumento, a conceituação do construto parece não apresentar desafios para os pesquisadores, mesmo quando protótipos são criados a partir do modelo de personalidade típica. Possivelmente, este resultado fale mais sobre a solidez do modelo CGF, do que de fato sobre a práticas dos pesquisadores. Considerando que o modelo de personalidade abordado é o mais pesquisado atualmente, não é surpresa que sua conceituação se encontre bem fundamentada. Não é possível, no entanto, afirmar que a etapa de conceituação receba igual importância na construção de instrumentos que envolvam outros construtos psicológicos menos estudados.

Esperava-se que no processo de construção, etapas como a análise de juízes e análise semântica estivessem presentes na maioria dos estudos que compuseram a amostra. Entretanto, apenas metade dos estudos de construção recorreram a análise de juízes como forma de validação, enquanto nenhum deles considerou utilizar análise semântica pela população alvo. Nos estudos de adaptação que consideraram a tradução de itens, as etapas de tradução e retrotradução parecem bastante consolidadas. Mas, como verificado nos estudos de construção, a avaliação semântica por parte da população-alvo não recebeu maior importância. Em ambos os processos (construção e adaptação) também se observou uma participação muito pequena de indivíduos de baixa escolaridade nas amostras usadas para análises quantitativas, contribuindo para que os instrumentos tenham um uso prático questionável.

O segundo estudo presente neste trabalho apresentou o processo realizado na construção de um instrumento para mensuração da personalidade no modelo dos Cinco Grandes Fatores proposto por Costa e McCrae (1992). Considerando o propósito de produzir um instrumento acessível também à população com menor escolaridade, buscou-se elaborar itens adequados e apresentar evidência de validade baseada no conteúdo. A partir da

formação de um grupo de trabalho, 547 itens foram construídos e avaliados por juízes especialistas, que revelaram 57 itens inadequados; 490 itens restantes foram avaliados pela população alvo, dos quais 134 foram excluídos e 302 foram reelaborados. Dentre os principais problemas identificados após a avaliação estavam: itens que permitiam mais de uma interpretação, palavras de difícil compreensão e situações ambíguas. O banco final aprovado é composto por 356 itens, representando 24 facetas de quatro fatores. Isso significa dizer que o conjunto de itens aprovados é formado por uma média de 14,8 itens por fator. Soto e John (2019) sugerem que existe um “ponto ideal de comprimento de escala”, que estaria entre seis e nove itens por faceta. Considerando estes achados, o número de itens aprovados é suficiente para que o banco seja submetido a análises estatísticas, nas quais, parte dos itens ainda será excluído.

Através deste trabalho, buscou-se refletir brevemente sobre a história do modelo CGF de personalidade e sobre como a avaliação do construto vem evoluindo através dos tempos. Além disso, buscou-se contribuir para discussão acerca do uso de estratégias qualitativas na busca de evidências baseadas em conteúdo para instrumentos de autorrelato. Embora ambos os estudos tenham sido norteados pelo modelo de personalidade CGF, o uso das estratégias propostas para esclarecimento sobre o processo de resposta utilizado pelos entrevistados pode ser útil também no processo de construção de instrumentos destinados a outros construtos de interesse da psicologia. Assim, espera-se que o trabalho exposto possa fomentar reflexões sobre a relevância das abordagens qualitativas na construção de escalas de autorrelato, contribuindo para o aprimoramento da área.

CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Esta pesquisa foi realizada de acordo com as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa envolvendo Seres Humanos (Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde) e faz parte de um projeto de pesquisa maior aprovado pelo Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), credenciado junto à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Ministério da Saúde, sob o título “Aprimoramento de Escalas e Relações entre Traços de Personalidade e Construtos da Psicologia Positiva”. Os participantes do estudo foram informados acerca dos objetivos, meio de coleta e análise dos dados e garantia de confidencialidade. Os dados da pesquisa serão mantidos no Instituto de Psicologia da UFRGS e o acesso será restrito aos pesquisadores do grupo.

REFERÊNCIAS

- Alexandre, N. M. C., & Coluci, M. Z. O. (2011). Validade de conteúdo nos processos de construção e adaptação de instrumentos de medidas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(7), 3061-3068. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232011000800006>
- Allik, J., Church, A. T., Ortiz, F. A., Rossier, J., Hřebíčková, M., De Fruyt, F., Realo, R., McCrae, R. R. (2017). Mean profiles of the NEO Personality Inventory. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 48(3), 402-420. <https://doi.org/10.1177/0022022117692100>
- Allport, G. W. (1937). *Personality: A psychological interpretation*. Holt.
- Allport, G. W., & Odbert, H. S. (1936). Trait-names: A psycho-lexical study. *Psychological Monographs*, 47(1), i-171. <https://doi.org/10.1037/h0093360>
- Gibbs, A. (1997). Focus groups. *Social research update*, 19(8), 1-8. Retirado de <https://sru.soc.surrey.ac.uk/SRU19.html>
- Beatty, P. C., & Willis, G. B. (2007). Research synthesis: The practice of cognitive interviewing. *Public Opinion Quarterly*, 71(2), 287-311. <https://doi.org/10.1093/poq/nfm006>
- Ben-Porath, Y. S. (2012). Self-report inventories: Assessing personality and psychopathology. J. R. Graham, J. A. Naglieri, & I. B. Weiner (Eds.), *Handbook of psychology: Assessment Psychology* (p. 622–644). John Wiley & Sons. <https://doi.org/10.1002/9781118133880.hop210024>
- Borsa, J. C., & Seize, M. M. (2017). Construção e adaptação de instrumentos psicológicos: Dois caminhos possíveis. In B. Damasio, & J. C. Borsa (Orgs.), *Manual de desenvolvimento de instrumentos psicológicos* (pp. 15-38). São Paulo: Vetor.
- Borsa, J. C., Damásio, B. F., & Bandeira, D. R. (2012). Adaptação e validação de instrumentos psicológicos entre culturas: Algumas considerações. *Paidéia*, 22(53), 423-432. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2012000300014>
- Cain, K., & Oakhill, J. (2006). Profiles of children with specific reading comprehension difficulties. *British Journal of Educational Psychology*, 76(4), 683-696. <https://doi.org/10.1348/000709905X67610>
- Carvalho, L.F. & Ambiel, R.A.M. (2017). Construção de instrumentos psicológicos. In Damásio, B. F., & Borsa, J. C. (Eds.). *Manual de desenvolvimento de instrumentos psicológicos* (pp.39-54). Vetor.
- Cattell, R. B. (1946). *Description and measurement of personality*. World Book Company.

- CFP (2018). Resolução que estabelece diretrizes para a realização de Avaliação Psicológica no exercício profissional da psicóloga e do psicólogo e regulamenta o Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos - SATEPSI. *Resolução 09/2018*. Retirado de <https://satepsi.cfp.org.br/legislacao.cfm>
- Cohen, R. J., Swerdlik, M. E., & Sturman, E. D. (2014). *Testagem e avaliação psicológica: Introdução a testes e medidas*. AMGH Editora.
- Costa, P. T., & McCrae, R. R. (1992). *Neo Personality Inventory-revised (NEO PI-R)*. Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.
- Costa, P. T., & McCrae, R. R. (1995). Domains and facets: Hierarchical personality assessment using the Revised NEO Personality Inventory. *Journal of Personality Assessment*, 64(1), 21-50. https://doi.org/10.1207/s15327752jpa6401_2
- Costa, P. T., & McCrae, R. R. (1998). Trait theories of personality. In D. F. Barone, M. Hersen, & V. B. Van Hasselt (Eds.), *The Plenum series in social/clinical psychology. Advanced Personality* (p. 103–121). Plenum Press. https://doi.org/10.1007/978-1-4419-8580-4_5
- Costa, P. T., McCrae, R. R., Flores-Mendoza, C. E., Primi, R., Nascimento, E., & Nunes, C. S. S. (2008). *Inventário de personalidade NEO revisado - Manual profissional para uso no Brasil*. São Paulo, SP: Vetor Editora.
- Croda, J. H. R., & Garcia, L. P. (2020). Resposta imediata da vigilância em saúde à epidemia da COVID-19. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 29(1). <https://doi.org/10.5123/S1679-49742020000100021>
- DeMaio T. J., Rothgeb J. & Hess J. (1998) Improving survey quality through pretesting. In *Proceedings of the Section on Survey Research Methods* (vol. 3, pp. 50–58), American Statistical Association. Retirado de <https://www.census.gov/srd/papers/pdf/sm98-03.pdf>
- DeYoung, C. G., Quilty, L. C., & Peterson, J. B. (2007). Between facets and domains: 10 aspects of the Big Five. *Journal of Personality and Social Psychology*, 93(5), 880-896. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.93.5.880>
- Digman, J. M. (1990). Personality structure: Emergence of the five-factor model. *Annual Review of Psychology*, 41, 417-440. <https://doi.org/10.1146/annurev.ps.41.020190.002221>
- Ellis, A. (1946). The validity of personality questionnaires. *Psychological Bulletin*, 43(5), 385–440. <https://doi.org/10.1037/h0055483>

- Endler, N. S., & Magnusson, D. (1976). Toward an interactional psychology of personality. *Psychological Bulletin*, 83(5), 956-974. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.83.5.956>
- Eysenck, H. J. (1952). *The scientific study of personality*. Macmillan.
- Fiske, D. W. (1949). Consistency of the factorial structures of personality ratings from different sources. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, 44(3), 329-344. <https://doi.org/10.1037/h0057198>
- Freitas, H. M. D., & Oliveira, M. (1998). *Uma aplicação de grupo focal: planejamento versus realização*. Fundação Editora de UNESP.
- Galton, F. (1884). Measurement of character. *Fortnightly*, 36(212), 179-185. Retirado de <http://galton.org/essays/1880-1889/galton-1884-fort-rev-measurement-character.pdf>
- Gatti, B. A. (2005). *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Liber Livro.
- Gehlbach, H., & Brinkworth, M. E. (2011). Measure twice, cut down error: A process for enhancing the validity of survey scales. *Review of General Psychology*, 15(4), 380-387. <https://doi.org/10.1037/a0025704>
- Gleitman, H., Reisberg, D., & Gross, J. (2003). *Psicologia 7ª. Edição*. Artmed.
- Goldberg, L. (1990). An alternative “description of personality”: The Big-Five factor structure. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59(6), 1216-1229. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.59.6.1216>
- Goldberg, L. R. (1982). From ace to zombie: Some explorations in the language of personality. In C. D. Spielberger & J. N. Butcher (Eds.), *Advances in personality assessment* (Vol. 1, pp. 203-234). Lawrence Erlbaum.
- Graziano, W. G., & Eisenberg, N. (1997). Agreeableness: A dimension of personality. In R. Hogan, J. Johnson, & S. Briggs (Eds.), *Handbook of Personality Psychology* (pp.795-824). Academic Press. <https://doi.org/10.1016/B978-012134645-4/50031-7>
- Graziano, W. G., & Tobin, R. M. (2017). Agreeableness and the Five Factor Model. In T. A. Widiger (Ed.), *The Oxford handbook of the Five Factor Model* (p. 105–132). Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199352487.013.17>
- Guest, G., Namey, E., Taylor, J., Eley, N., & McKenna, K. (2017). Comparing focus groups and individual interviews: Findings from a randomized study. *International Journal of Social Research Methodology*, 20(6), 693-708. <https://doi.org/10.1080/13645579.2017.1281601>
- Hofstee, W. K., de Raad, B., & Goldberg, L. R. (1992). Integration of the big five and circumplex approaches to trait structure. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63(1), 146-163. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.63.1.146>

- Hutz, C. S., Nunes, C. H. S. da S., Silveira, A. D., Serra, J. G., Anton, M. C., & Wieczorek, L. S. (1998). O desenvolvimento de marcadores para a avaliação da personalidade no modelo dos cinco grandes fatores. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 395-411. <https://doi.org/10.1590/S0102-79721998000200015>
- International Test Commission. (2017). *The ITC guidelines for translating and adapting tests (Second edition)*. <https://www.intestcom.org/>. Translation authorized by Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica (IBAP).
- John, O. P., Angleitner, A., & Ostendorf, F. (1988). The lexical approach to personality: A historical review of trait taxonomic research. *European Journal of Personality*, 2(3), 171-203. <https://doi.org/10.1002/per.2410020302>
- Kean, J. (2020). Paul T. Costa Jr. In B. J. Carducci, C. S. Nave, J. S. Mio, & R. E. Riggio. *The Wiley encyclopedia of personality and individual differences: Models and theories* (pp. 25-28). John Wiley & Sons. <https://doi.org/10.1002/9781118970843.ch5>
- Kern, M. L. (2020). Conscientiousness. In B. J. Carducci, C. S. Nave, J. S. Mio, & R. E. Riggio. *The Wiley encyclopedia of personality and individual differences: Models and theories* (pp. 123-127). John Wiley & Sons. <https://doi.org/10.1002/9781119547143.ch22>
- Kim, H., Di Domenico, S. I., & Connelly, B. S. (2019). Self–other agreement in personality reports: A meta-analytic comparison of self-and informant-report means. *Psychological Science*, 30(1), 129-138. <https://doi.org/10.1177/0956797618810000>
- Kitzinger, J. (1994). The methodology of focus groups: The importance of interaction between research participants. *Sociology of Health & Illness*, 16(1), 103-121. <https://doi.org/10.1111/1467-9566.ep11347023>
- Krueger, R. F., & Eaton, N. R. (2010). Personality traits and the classification of mental disorders: Toward a more complete integration in DSM–5 and an empirical model of psychopathology. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 1(2), 97. <https://doi.org/10.1037/a0018990>
- Landis, J. R., & Koch, G. G. (1977). The measurement of observer agreement for categorical data. *Biometrics*, 33(1), 159-174. <https://doi.org/10.2307/2529310>
- Lee, K., & Ashton, M. C. (2004). Psychometric properties of the HEXACO personality inventory. *Multivariate Behavioral Research*, 39(2), 329-358. https://doi.org/10.1207/s15327906mbr3902_8
- Lima, M. P. D., & Simões, A. (2000). A teoria dos cinco factores: Uma proposta inovadora ou apenas uma boa arrumação do caleidoscópio personológico? *Análise Psicológica*, 18(2), 171-179. Retirado de

http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312000000200003

- McCrae, R. R. (2013). Exploring trait assessment of samples, persons, and cultures. *Journal of Personality Assessment*, 95(6), 556-570. <https://doi.org/10.1080/00223891.2013.821075>
- McCrae, R. R. (2015). A more nuanced view of reliability: Specificity in the trait hierarchy. *Personality and Social Psychology Review*, 19(2), 97-112. <https://doi.org/10.1177/1088868314541857>
- McCrae, R. R., & Costa, P. T. (2008). The Five-Factor theory of personality. In O. P. John, R. W. Robins, & L. A. Pervin (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research* (p. 159-181). The Guilford Press.
- McCrae, R. R., & Costa, P. T., Jr. (1997). Personality trait structure as a human universal. *American Psychologist*, 52(5), 509-516. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.52.5.509>
- McCrae, R. R., & John, O. P. (1992). An introduction to the Five-Factor model and its applications. *Journal of Personality*, 60(2), 175-215. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.1992.tb00970.x>
- McCrae, R. R., & Sutin, A. R. (2009). Openness to experience. In M. R. Leary & R. H. Hoyle (Eds.), *Handbook of individual differences in social behavior* (pp. 257–273). The Guilford Press.
- McCrae, R. R., Costa, P. T., & Martin, T. A. (2005). The NEO-PI-3: A more readable revised NEO Personality Inventory. *Journal of Personality Assessment*, 84(3), 261-270. https://doi.org/10.1207/s15327752jpa8403_05
- McDougall, W. (1929). The chemical theory of temperament applied to introversion and extroversion. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, 24(3), 293-309. <https://doi.org/10.1037/h0075883>
- McDougall, W. (1932). Of the words character and personality. *Journal of Personality*, 1(1), 3-16. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.1932.tb02209.x>
- Miller, K., Chepp, V., Willson, S., & Padilla, J. L. (Eds.). (2014). *Cognitive interviewing methodology*. John Wiley & Sons.
- Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., & Altman, D. G. (2009). Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: The PRISMA statement. *Annals of internal medicine*, 151(4), 264-269. <https://doi.org/10.7326/0003-4819-151-4-200908180-00135>
- Möttus, R., Kandler, C., Bleidorn, W., Riemann, R., & McCrae, R. R. (2017). Personality traits below facets: The consensual validity, longitudinal stability, heritability, and

- utility of personality nuances. *Journal of Personality and Social Psychology*, 112(3), 474-490. <https://doi.org/10.1037/pspp0000100>
- Navas, A. L. G. P., Pinto, J. C. B. R., & Dellisa, P. R. R. (2009). Avanços no conhecimento do processamento da fluência em leitura: da palavra ao texto. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, 14(4), 553-559. <https://doi.org/10.1590/S1516-80342009000400021>
- Nichols, A. L., & Pace, V. L. (2020). Five Factor model, facets of. In B. J. Carducci, C. S. Nave, J. S. Mio, & R. E. Riggio. *The Wiley encyclopedia of personality and individual differences: Models and theories* (pp. 203-207). John Wiley & Sons. <https://doi.org/10.1002/9781119547143.ch34>
- Norman, W. T. (1963). Toward an adequate taxonomy of personality attributes: Replicated factors structure in peer nomination personality ratings. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 66(6), 574-583. <https://doi.org/10.1037/h0040291>
- Noronha, A. P. P., Ziviani, C., Hutz, C. S., Bandeira, D., Custódio, E. M., Alves, I. B., Alchieri, J. C., Borges, L. O., Pasquali, L., Primi, R., & Domingues, S. (2002). Em defesa da avaliação psicológica. *Avaliação Psicológica*, 1(2), 173-174. Retirado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712002000200010
- Nunes, C. H. S. S. Hutz, C. S. & Nunes, M. F. O. (2010). *Bateria Fatorial de Personalidade (BFP): Manual técnico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Nunes, C.H.S.S., Zanon, C., & Hutz, C. S. (2018). Avaliação de personalidade a partir de teorias fatoriais de personalidade. In C. S. Hutz, D.R. Bandeira, & C.M. Trentini, (2018). *Avaliação psicológica da inteligência e da personalidade*. (pp. 217-232). Artmed.
- Pacico, J. C. (2015). Como é feito um teste? Produção de itens. In C. S. Hutz, D. R. Bandeira, & C. M. Trentini, (2015). *Psicometria* (pp. 55-70). Artmed.
- Pacico, J. C., Hutz, C. S., Schneider, A. M. A & Bandeira, D. R., (2015). Validade. In C. S. Hutz, D. R. Bandeira, & C. M. Trentini (Eds.), *Psicometria* (pp. 71 - 84). Artmed.
- Pasquali, L. (1998). Princípios de elaboração de escalas psicológicas. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 25(5), 206-213. Retirado de <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-228044>
- Pasquali, L. (2010). *Instrumentação psicológica: Fundamentos e práticas*. Artmed.
- Paunonen, S. V., & Ashton, M. C. (2001). Big Five factors and facets and the prediction of behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 81(3), 524-539. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.81.3.524>

- Primi, R. (2010). Avaliação psicológica no Brasil: Fundamentos, situação atual e direções para o futuro. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(spe), 25-35. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722010000500003>
- Redline, C., Smiley, R., Lee, M., & DeMaio, T. (1998). Beyond concurrent interviews: An evaluation of cognitive interviewing techniques for self-administered questionnaires. In *Proceedings of the section on survey research methods, American Statistical Association*. Retirado de <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/summary?doi=10.1.1.77.9422>
- Reppold, C. T., Gurgel, L. G., & Hutz, C. S. (2014). O processo de construção de escalas psicométricas. *Avaliação Psicológica*, 13(2), 307-310. Retirado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712014000200018&lng=pt&tlng=pt
- Reppold, C. T., Serafini, A. J., Gurgel, L. G., Magnan, E. D. S., Damion, M., Kaiser, V., & Almeida, L. D. S. (2018). Análise de manuais de testes psicológicos aprovados pelo Satepsi para avaliação de adultos. *Psicologia: Teoria e Prática*, 20(3), 100-120. <http://dx.doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v20n3p100-120>
- Reppold, C. T., Serafini, A. J., Ramires, D. A., & Gurgel, L. G. (2017). Análise dos manuais psicológicos aprovados pelo SATEPSI para avaliação de crianças e adolescentes no Brasil. *Avaliação Psicológica*, 16(1), 19-28. <http://dx.doi.org/10.15689/ap.2017.1601.03>
- Robson, C., & McCartan, K. (2016). *Real world research*. John Wiley & Sons.
- Rolland, J.P. (2002). Cross-cultural generalizability of the Five-Factor model of personality. In R.R. McCrae & J. Allik (Eds), *The Five-Factor model of personality across cultures* (pp. 7-29). Kluwer Academic.
- Samuel, D. B., & Widiger, T. A. (2008). A meta-analytic review of the relationships between the Five-Factor model and DSM-IV-TR personality disorders: A facet level analysis. *Clinical Psychology Review*, 28(8), 1326-1342. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2008.07.002>
- Saucier, G., & Ostendorf, F. (1999). Hierarchical subcomponents of the Big Five personality factors: A cross-language replication. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76(4), 613-627. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.76.4.613>
- Schwarz, N. (1999). Self-reports: How the questions shape the answers. *American Psychologist*, 54(2), 93. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.54.2.93>

- Soto, C. J., & John, O. P. (2019). Optimizing the length, width, and balance of a personality scale: How do internal characteristics affect external validity? *Psychological Assessment*, 31(4), 444-459. <https://doi.org/10.1037/pas0000586>
- Thurstone, L. L. (1934). The vectors of mind. *Psychological Review*, 41(1), 1-32. <https://doi.org/10.1037/h0075959>
- Tobin, R. M., & Graziano, W. G. (2020). Agreeableness. In B. J. Carducci, C. S. Nave, J. S. Mio, & R. E. Riggio. *The Wiley encyclopedia of personality and individual differences: Models and theories* (pp. 105-110). John Wiley & Sons. <https://doi.org/10.1002/9781118970843.ch19>
- Tourangeau, R., & Rasinski, K. A. (1988). Cognitive processes underlying context effects in attitude measurement. *Psychological Bulletin*, 103(3), 299-314. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.103.3.299>
- Tupes, E. C., & Christal, R. E. (1992). Recurrent personality factors based on trait ratings. *Journal of Personality*, 60(2), 225-251. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.1992.tb00973.x>
- Urbina, S. (2014). *Essentials of psychological testing*. John Wiley & Sons.
- Vazire, S. (2006). Informant reports: A cheap, fast, and easy method for personality assessment. *Journal of Research in Personality*, 40(5), 472-481. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2005.03.003>
- Walker, D. L. (2020). Extraversion-Introversion. In B. J. Carducci, C. S. Nave, J. S. Mio, & R. E. Riggio. *The Wiley encyclopedia of personality and individual differences: Models and theories* (pp. 159-163). John Wiley & Sons. <https://doi.org/10.1002/9781119547143.ch28>
- Widiger, T. A. (1993). The DSM-III-R categorical personality disorder diagnoses: A critique and an alternative. *Psychological Inquiry*, 4(2), 75-90. https://doi.org/10.1207/s15327965pli0402_1
- Willis G. (2018) Cognitive interviewing in survey design: State of the science and future directions. In: D. Vannette, J. Krosnick (eds). *The Palgrave handbook of survey research*. Palgrave Macmillan, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-319-54395-6_14
- Willis, G. B. (2005). *Cognitive interviewing: A tool for improving questionnaire design*. SAGE Publications.
- Woods, S. A., & Anderson, N. R. (2016). Toward a periodic table of personality: Mapping personality scales between the five-factor model and the circumplex model. *The Journal of Applied Psychology*, 101(4), 582-604. <https://doi.org/10.1037/apl0000062>

- Xie, D., & Cobb, C. L. (2020). Revised NEO Personality Inventory (NEO-PI-R). In B. J. Carducci, C. S. Nave, J. S. Mio, & R. E. Riggio. *The Wiley encyclopedia of personality and individual differences: Measurement and assessment* (pp. 335-350). John Wiley & Sons. <https://doi.org/10.1002/9781118970843.ch127>
- Zamanzadeh, V., Ghahramanian, A., Rassouli, M., Abbaszadeh, A., Alavi-Majd, H., & Nikanfar, A. R. (2015). Design and implementation content validity study: Development of an instrument for measuring patient-centered communication. *Journal of Caring Sciences*, 4(2), 165. <https://doi.org/10.15171/jcs.2015.017>
- Zhang, F. (2020). Neuroticism. In B. J. Carducci, C. S. Nave, J. S. Mio, & R. E. Riggio. *The Wiley encyclopedia of personality and individual differences: Models and theories* (pp. 281-286). John Wiley & Sons. <https://doi.org/10.1002/9781119547143.ch47>
- Ziegler, M. (2014). Stop and state your intentions!: Let's not forget the ABC of test construction. *European Journal of Psychological Assessment*, 30(4), 239-242. <https://doi.org/10.1027/1015-5759/a000228>
- Ziegler, M., & Bäckström, M. (2016). 50 facets of a trait - 50 ways to mess up? *European Journal of Psychological Assessment*, 32(2), 105-110. <https://doi.org/10.1027/1015-5759/a000372>

ANEXO B

Carta Enviada aos Juízes



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Aprimoramento de Escalas e Relações entre Traços de Personalidade e Construtos da Psicologia
Positiva

Prezada prof.^a dr.^a (

Apraz-me cumprimentá-la, na oportunidade em que venho respeitosamente convidá-la a participar de pesquisa que estamos realizando. Faço parte do Laboratório de Mensuração da Universidade Federal do Rio grande do Sul sob orientação do professor Cláudio Simon Hutz, e no momento estamos trabalhando em um novo instrumento para mensuração da personalidade a partir do Modelo dos Cinco Grandes Fatores. Por sua reconhecida experiência tomamos a liberdade de convidá-la para ser membro do comitê de juízes, uma vez que buscamos, neste momento, Validade de Conteúdo para nosso instrumento.

Para que a senhora possa avaliar a possibilidade de sua participação, antecipamos que se trata de uma escala de autorrelato com 139 itens do fator Socialização e 136 itens do fator Extroversão, fatores do Modelo supracitado. Aguardamos retorno para que possamos lhe enviar o material e as instruções relativas ao processo de julgamento, uma vez que esperamos finalizar esta fase até o início do mês de setembro. Ficamos a disposição em caso de dúvidas.

Desde já agradecemos imensamente a atenção dispensada.

Ana Cláudia Araújo da Cruz
Psicóloga
CRP:07/24755
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

ANEXO C



Instruções para Análise de Conteúdo

Esta avaliação busca verificar a adequação da representação comportamental dos atributos latentes referentes ao fator *Abertura* do *Five Factor Model*. A avaliação do instrumento envolverá duas etapas:

a. Avaliação dos itens

Nesta etapa pedimos para que avalie cada item separadamente, considerando sua compreensão verbal e fluência verbal, aqui denominada *clareza*. Assim, seu julgamento deve considerar se os itens foram redigidos de forma compreensível e se expressam adequadamente o que se espera medir. É necessário, no entanto, ressaltar que o instrumento está sendo construído com intuito de alcançar também uma população com baixa instrução, o que significa que evitamos o uso de palavras de difícil entendimento para esse público, bem como de construções frasais que tornem a compreensão do item uma tarefa que demande de muitos recursos cognitivos.

Também solicitamos que cada item seja avaliado quanto a sua relevância e representatividade, aqui denominada *pertinência*. Nesta avaliação buscamos saber se o item realmente reflete o conceito envolvido, se é relevante e, se é adequado dentro da faceta em que se encontra.

b. Avaliação dos domínios

Aqui será necessário avaliar se a estrutura das facetas e seu conteúdo estão corretos e se os itens de cada faceta são representativos. Ou seja, considere a *abrangência* do conjunto, avaliando se cada domínio foi adequadamente coberto pelos itens. Este fator conta com seis facetas, que por sua vez estão representadas por cerca de 24 itens cada. Durante essa fase, você poderá sugerir a inclusão ou exclusão de itens nas facetas, bem como sua alteração e opinar se os itens realmente pertencem ao domínio correspondente. Utilize para tal, o campo "observação". Além disso, embaixo de cada faceta, disponibilizamos um campo para comentários, caso necessário.

Para realizar a avaliação do conteúdo deste instrumento, descrevemos abaixo os conceitos envolvidos no estudo.

Fator Abertura

Este fator se refere aos comportamentos exploratórios e reconhecimento da importância de ter novas experiências. Indivíduos altos nessa dimensão são curiosos, imaginativos, criativos, divertem-se com novas ideias e valores não convencionais. Pessoas altas em Abertura experienciam uma ampla gama de emoções mais vividamente que pessoas com menores níveis. Pessoas que são baixas em Abertura tendem a ser convencionais em suas atitudes, conservadoras nas suas preferências, dogmáticas e rígidas nas suas crenças; tendem também a ser menos responsivas emocionalmente. Este fator já foi chamado de *Intelecto* por alguns pesquisadores, entretanto ele apresenta-se apenas modestamente associado a inteligência e educação, logo, não deve ser confundido com esses domínios. Composto por seis facetas:

- 1) ***Fantasia*** → Relacionada a uma imaginação vívida e uma vida fantasiosa ativa. Indivíduos que têm abertura à fantasia devaneiam não apenas como uma forma de escape, mas como uma maneira de criar para si mesmos um mundo interno interessante. Eles elaboram e desenvolvem suas fantasias e acreditam que a imaginação contribui para uma vida rica e criativa. Baixos escores são mais práticos e objetivos e preferem manter suas mentes em tarefas concretas.
- 2) ***Estética*** → Apreciam profunda harmonia e apresentam gosto pelas diversas formas de arte e de beleza. Altos escores nesta escala são movidos pela poesia, absorvidos pela música e intrigados pela arte. Não necessariamente possuem talentos artísticos e nem sempre são aqueles a quem as pessoas consideram de bom gosto. Mas para muitos deles, seu interesse nas artes os leva a desenvolver um conhecimento e uma apreciação mais amplos do que o indivíduo médio. Baixos escores são relativamente insensíveis e desinteressados em arte e beleza.
- 3) ***Sentimentos*** → Receptividade aos próprios sentimentos e emoções. Altos escores experienciam estados emocionais mais profundos e diferenciados, assim como sentem felicidade e infelicidade mais intensamente que outras pessoas. Baixos escores são um tanto embotados afetivamente e não acreditam que estados emocionais possuam importância.
- 4) ***Ações variadas*** → Disposição para atividades diferentes, conhecimento de novos lugares ou situações. Altos escores nesta escala evitam, sempre que podem, a rotina e preferem novidades e variedades à familiaridade e ao habitual. Com o tempo, podem se engajar em uma série de atividades diferentes. Escores baixos acham difícil mudar e preferem se manter com a segurança do já conhecido.

- 5) **Ideias** → A curiosidade intelectual é um aspecto de *Abertura* longamente reconhecido. Esse traço é visto não somente como uma busca ativa dos próprios interesses intelectuais, mas também uma abertura mental e uma disposição a considerar ideias novas e, talvez, até não convencionais. Altos escores apreciam tanto argumentos filosóficos quanto desafios mentais. Abertura a ideias não implica necessariamente em inteligência alta, apesar de que ela pode contribuir para o desenvolvimento de potencial intelectual. Baixos escores tem curiosidade limitada e, se altamente inteligentes, focam seus recursos estritamente em tópicos limitados.
- 6) **Valores** → Prontidão para reexaminar valores sociais, familiares, políticos e/ou religiosos. Indivíduos fechados tendem a aceitar a autoridade de honrar tradições e, como consequência, são geralmente conservadores, independente do partido político a que pertençam. Abertura a valores pode ser considerada o oposto do dogmatismo.

ANEXO D

Formulário para Avaliação dos Itens.

<i>Facetas</i>							
Item			Ruim	Regular	Bom	Ótimo	Observação
1	Item 1	Clareza					
		Pertinência					
2	Item 2	Clareza					
		Pertinência					
3	Item 3	Clareza					
		Pertinência					
4	Item 4	Clareza					
		Pertinência					
5	Item 5	Clareza					
		Pertinência					
6	Item 6	Clareza					
		Pertinência					
7	Item 7	Clareza					
		Pertinência					
8	Item 8	Clareza					
		Pertinência					
9	Item 9	Clareza					
		Pertinência					
10	Item 8	Clareza					
		Pertinência					

ANEXO E

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Aprimoramento de Escalas e Relações entre Traços de Personalidade e Construtos da Psicologia Positiva

Você está sendo convidado para participar como voluntário em uma pesquisa sobre aprimoramento de escalas para a avaliação da personalidade e suas correlações com construtos da Psicologia Positiva. Nós estaremos à disposição para esclarecer quaisquer dúvidas em relação à pesquisa durante a execução da mesma. Leia as informações abaixo antes de expressar ou não o seu consentimento para participar da pesquisa.

1. OBJETIVO E BENEFÍCIOS DO ESTUDO:

Este projeto tem dois grandes objetivos: O primeiro é aprimorar a avaliação da personalidade feito através de escalas no Brasil. O segundo, é produzir um estudo detalhado das relações entre os diversos construtos da Psicologia Positiva (Satisfação com a vida, Afetos, Otimismo, Esperança, Autoestima, Autoeficácia e características de personalidade.) Sua participação é importante para que possamos validar os instrumentos de avaliação da personalidade.

2. EXPLICAÇÃO DOS PROCEDIMENTOS:

Neste estudo, você será solicitado a expressar o seu entendimento sobre sentenças (frases) de uma escala de personalidade. O objetivo é verificar se estas sentenças são entendidas facilmente e se estão escritas da melhor forma possível. Não será solicitado que você responda os itens, não tratando-se assim de uma avaliação, porém você irá responder um breve questionário com informações sócio demográficas. Sua participação é completamente voluntária e você tem o direito de interromper a participação a qualquer momento caso desejar.

3. POSSÍVEIS RISCOS E DESCONFORTOS:

Os procedimentos envolvidos neste estudo têm riscos mínimos, ou seja, de desconforto físico ou ansiedade relacionada aos procedimentos de testagem.

4. DIREITO DE DESISTÊNCIA:

Você pode desistir a qualquer momento de participar do estudo, não havendo qualquer consequência por causa desta decisão.

5. CONCORDÂNCIA:

Concordo voluntariamente na minha participação, sabendo que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízos.

Nome: _____

Assinatura: _____

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Instituto de Psicologia (UFRGS)

Comitê de Ética do Instituto de Psicologia, UFRGS

Pesquisador responsável: Prof. Dr. Cláudio Hutz (UFRGS)

Rua Ramiro Barcelos, 2600; fone: 33085066 e ou 33085698

E-mail: cep-psico@ufrgs.br

ANEXO F

Questionário Sociodemográfico

Aprimoramento de Escalas e Relações entre Traços de Personalidade e Construtos da Psicologia Positiva

Você está sendo convidado para participar como voluntário em uma pesquisa sobre aprimoramento de escalas para a avaliação da personalidade e suas correlações com construtos da Psicologia Positiva. Este é um questionário para conhecermos melhor você.

Nome: _____

Data de nascimento: _____

Com qual gênero você se identifica?

Feminino Masculino Outro (especifique) _____

Como você se identifica em relação à etnia?

Branco (a) Pardo (a) Preto (a) Amarelo (a)

Indígena Outro (especifique) _____

Cidade de nascimento: _____

Cidade onde mora: _____

Escolaridade:

Ensino Fundamental Incompleto (série/ano _____)

Ensino Fundamental Completo

Ensino Médio Incompleto (série/ano _____)

Ensino Médio Completo

Ensino Superior Incompleto

Ensino Superior Completo

Outro: _____

Qual a sua renda ou seu salário mensal?

Até 1 salário mínimo (até R\$ 1.045*).

De 1 a 2 salários mínimos (de R\$ 1.045 até R\$ 2.090,00*).

De 2 a 5 salários mínimos (de R\$ 2.091,00 até R\$ 5.225,00*).

Mais de 5 salários mínimos (mais de R\$ 5.225,00*).

Prefiro não declarar.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Instituto de Psicologia (UFRGS)

Comitê de Ética do Instituto de Psicologia, UFRGS

Pesquisador responsável: Prof. Dr. Cláudio Hutz (UFRGS)

Rua Ramiro Barcelos, 2600; fone: 33085066 e ou 33085698

E-mail: cep-psico@ufrgs.br

**Valores relativos ao ano de aplicação do questionário.*

ANEXO G

Parecer do comitê de ética

UFRGS - INSTITUTO DE
PSICOLOGIA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Aprimoramento de Escalas e Relações entre Traços de Personalidade e Construtos da Psicologia Positiva

Pesquisador: Claudio Simon Hutz

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 80264617.3.0000.5334

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UFRGS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.584.044

Apresentação do Projeto:

Este projeto tem por objetivo aprimorar instrumentos de avaliação da Personalidade (BFP e EFN), rever suas estruturas fatoriais e atualizar normas brasileiras. O terceiro estudo investiga as relações entre características da personalidade e diversos construtos da Psicologia Positiva (autoestima, autoeficácia, satisfação com a vida, altruísmo, entre outros).

Objetivo da Pesquisa:

Este projeto tem dois grandes objetivos: O primeiro é aprimorar a avaliação da personalidade feito através de escalas no modelo dos Cinco Grandes Fatores no Brasil. O segundo, é produzir um estudo detalhado das relações entre os diversos construtos da Psicologia Positiva (Satisfação com a vida, Afetos, Otimismo, Esperança, Autoestima, Autoeficácia, entre outros que serão discutidos no corpo do projeto) e características de personalidade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

É uma pesquisa de risco mínimo. Pode haver algum desconforto ao responder aos itens dos instrumentos. Além destes riscos apontados no projeto, os pesquisadores inseriram no TCLE o seguinte: "Caso você sinta algum desconforto com o preenchimento dos instrumentos, deverá fazer uma pausa de alguns minutos, e retomar o preenchimento. Se o desconforto persistir, você

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600

Bairro: Santa Cecília

CEP: 90.035-003

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3308-5698

Fax: (51)3308-5698

E-mail: cep-psico@ufrgs.br

Continuação do Parecer: 2.584.044

deve interromper sua participação na pesquisa. Caso sinta necessidade, pode entrar em contato com o pesquisador-responsável, por e-mail ou telefone, para encaminhamento apropriado."

Benefícios:

Haverá duas novas escalas atualizadas e com boas evidências de validade para a avaliação da personalidade. Essas escalas estarão também com normas atualizadas e com itens alterados para serem mais facilmente entendidos por pessoas de baixa escolaridade. Isso será um benefício importante tanto para a realização de novas pesquisas como para a prática profissional. O terceiro estudo trará subsídios importantes para aumentar o conhecimento da área.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

As solicitações feitas no parecer anterior foram atendidas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Após ajustes solicitados, os mesmos estão adequados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1005942.pdf	09/03/2018 18:18:52		Aceito
Outros	ParecerCOMPESQ.pdf	09/03/2018 18:18:05	Luciana Karine de Souza	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE2.pdf	09/03/2018 15:13:28	Luciana Karine de Souza	Aceito
Folha de Rosto	FolhaRosto2.pdf	09/03/2018 15:12:51	Luciana Karine de Souza	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Neutroticismo.pdf	28/09/2017 16:21:05	Claudio Simon Hutz	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600

Bairro: Santa Cecília

CEP: 90.035-003

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3308-5698

Fax: (51)3308-5698

E-mail: cep-psico@ufrgs.br

UFRGS - INSTITUTO DE
PSICOLOGIA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO



Continuação do Parecer: 2.584.044

Não

PORTO ALEGRE, 05 de Abril de 2018

Assinado por:
Clarissa Marcell Trentini
(Coordenador)

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600

Bairro: Santa Cecília

CEP: 90.035-003

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3308-5698

Fax: (51)3308-5698

E-mail: cep-psico@ufrgs.br